

## INTERPRETAÇÃO INTRALINGUAL PARA SURDOCEGOS: ADAPTAÇÕES E DESAFIOS EM AMBIENTES ONLINE

Julio Henrique Girelli <sup>1</sup>

Valdeilton da Silva Pereira <sup>2</sup>

Andre Ribeiro Reichert <sup>3</sup>

Carolina Ferreira Pêgo <sup>4</sup>

### RESUMO

Este artigo explora a prática da interpretação intralingual em Língua Brasileira de Sinais (Libras) para pessoas surdocegas, com foco nas adaptações necessárias para o ambiente online, intensificadas durante a pandemia de COVID-19. O estudo descritivo e interdisciplinar foi realizado no curso de extensão "Pesquisas em Línguas de Sinais", entre agosto e dezembro de 2023, com validação da consultora surdocega Alinny Umeno Nogueira. A pesquisa analisou técnicas como o uso de roupas escuras e fundo preto para melhorar o contraste, sinalização mais lenta na soletração e ajustes na webcam e iluminação. Introduziu-se o revezamento entre intérpretes a cada 10 minutos para reduzir a fadiga visual e melhorar a fluidez da interpretação. Além disso, o papel colaborativo do intérprete surdo alimentador foi essencial no suporte aos intérpretes ouvintes em momentos de dúvidas e falhas. As adaptações aplicadas contribuíram significativamente para a inclusão de surdocegos em eventos online, abrindo novas perspectivas para os estudos sobre interpretação e tradução de línguas de sinais. O artigo conclui que tais práticas demandam maior aprofundamento teórico e prático, especialmente no que diz respeito à evolução das técnicas de interpretação em contextos visuais e corporais.

**Palavras-chave:** Interpretação Intralingual, Surdocegueira, Intérprete Surdo, Língua De Sinais, Adaptação Online.

### INTRODUÇÃO

A interpretação intralingual para surdocegos representa um campo de estudo relativamente novo e desafiador dentro da tradução e interpretação de línguas de sinais. Esse tipo de interpretação é caracterizado pela adaptação de conteúdo dentro da mesma língua, no caso a Língua Brasileira de Sinais (Libras), para atender às necessidades específicas de pessoas com deficiência visual e auditiva. Durante a pandemia de COVID-19, o tema ganhou maior relevância, uma vez que o aumento da

---

<sup>1</sup> Licenciado e bacharelado em Letras Libras (UFSC). Contato: [juliogirelli18@gmail.com](mailto:juliogirelli18@gmail.com).

<sup>2</sup> Licenciado e bacharelado em Letras Libras (UFSC). Contato: [valdeilton.pereira@gmail.com](mailto:valdeilton.pereira@gmail.com).

<sup>3</sup> Professor doutor do Departamento de Libras DLSB/UFSC. Contato: [andrereichert@gmail.com](mailto:andrereichert@gmail.com).

<sup>4</sup> Professora doutora do Departamento de Libras DLSB/UFSC. Contato: [carol.pegno@gmail.com](mailto:carol.pegno@gmail.com).

utilização de plataformas digitais para comunicação tornou imperativa a adaptação da prática de interpretação remota. Nesse contexto, a substituição da interpretação tátil por uma interpretação no formato remoto trouxe desafios inéditos e revelou a necessidade de desenvolver novas metodologias e práticas interpretativas (SEGALA, 2010).

O campo de interpretação intralingual em línguas de sinais carece de estudos formais, e muito do conhecimento atual deriva de práticas empíricas e experiências vivenciadas pelos próprios intérpretes. O aprendizado baseado na prática tem sido uma constante na formação desses profissionais, como observado por Campello (2014, p. 145), ao afirmar que “as experiências vividas pelos surdos intérpretes dentro da comunidade surda” são fontes de conhecimento fundamentais. No entanto, a ausência de uma base teórica sólida que fundamente as adaptações necessárias, especialmente em ambientes online, reflete a necessidade urgente de mais pesquisas nessa área, como apontado por Almeida-Silva e Russo (2016). No Brasil, a atuação de intérpretes surdos e ouvintes junto à comunidade surdocega, em particular, carece de reconhecimento e formação adequada, uma situação que dificulta a consolidação de práticas eficazes, conforme destacado por Lima (2006).

Além das questões práticas e metodológicas, a interpretação intralingual para surdocegos está intrinsecamente ligada ao direito linguístico e à inclusão social desse grupo. A inclusão de surdocegos em eventos online e multilíngues exige não apenas a adaptação tecnológica, mas também o desenvolvimento de novas estratégias de comunicação que levem em conta suas especificidades sensoriais e cognitivas. Como observa Pinheiro (2020), “a atuação de intérpretes surdos em contextos multilíngues e intermodais ainda carece de mais pesquisas e reconhecimento”. Essa falta de formação específica é um desafio tanto para os intérpretes quanto para as instituições de ensino, uma vez que cursos de formação formal sobre interpretação para surdocegos são praticamente inexistentes. Mesmo o curso de Letras Libras, nível bacharelado, não oferece disciplinas que abordem a atuação com esse público.

A necessidade de novas abordagens na formação de intérpretes e o aprimoramento das práticas de interpretação intralingual para surdocegos motivaram o presente estudo, que explora as adaptações e os desafios desse tipo de interpretação em ambientes online. Este artigo investiga as técnicas desenvolvidas por intérpretes-feeders surdos e como essas práticas foram validadas pelos próprios surdocegos, a partir da experiência no curso de extensão “Pesquisas em Línguas de Sinais”, realizado entre agosto e dezembro de 2023. A supervisão e validação das

práticas pela consultora surdocega Alinny Umeno Nogueira resultaram em novos constructos que contribuíram significativamente para o avanço das práticas interpretativas voltadas para esse público.

Os principais objetivos deste estudo são: (1) identificar as estratégias e técnicas de interpretação intralingual utilizadas em ambientes online para surdocegos; (2) analisar o papel do intérprete surdo feeder, especialmente em sua função de suporte e validação para intérpretes ouvintes; e (3) compreender como os surdocegos participam ativamente da validação das adaptações implementadas, fornecendo feedback contínuo que orienta ajustes necessários durante o processo de interpretação.

A metodologia utilizada para alcançar esses objetivos incluiu a observação participante, entrevistas semiestruturadas com intérpretes e surdocegos e a análise detalhada das interações durante as sessões do curso. Ao adotar uma abordagem exploratório-descritiva, o estudo buscou compreender como as práticas de interpretação intralingual podem ser adaptadas ao formato remoto e como o papel colaborativo dos intérpretes-feeders é essencial para o sucesso dessas adaptações. Ao investigar as implicações dessas práticas, o presente artigo visa contribuir tanto para o desenvolvimento teórico do campo da interpretação intralingual quanto para a formação prática de intérpretes que atuam com a comunidade surdocega.

Portanto, a relevância deste estudo está não apenas em sua contribuição para a literatura acadêmica sobre interpretação intralingual, mas também em suas implicações práticas para os intérpretes que trabalham com surdocegos. A análise das técnicas adaptadas, dos desafios enfrentados e do papel colaborativo dos intérpretes-feeders oferece novas perspectivas para a inclusão de surdocegos em eventos e contextos online, sugerindo que práticas baseadas na experiência prática podem ser sistematizadas e aprimoradas com o apoio de mais pesquisas formais.

## **2. METODOLOGIA**

Essa pesquisa se configura como um estudo descritivo, exploratório, experimental e interdisciplinar. A carência de estudos sobre técnicas e metodologias específicas para intérpretes surdos-feed impacta diretamente na formação desses profissionais e nos direitos linguísticos dos surdocegos. Pesquisas exploratórias, nesse contexto, são fundamentais, pois partem das experiências pessoais e práticas

dos sujeitos envolvidos, permitindo que suas vivências sejam validadas, consideradas e estudadas em profundidade. Um exemplo claro disso é a experiência de Alinny Umeno Nogueira, surdocega que, por meio de sua prática pessoal, desenvolveu técnicas próprias de interpretação, demonstrando a importância de uma abordagem metodológica flexível e sensível às particularidades dos participantes.

Conforme destaca Stone (2009 apud SOUZA, 2009), "norma surda de tradução parte da habilidade do tradutor e intérprete surdo de pensar da mesma forma como os outros surdos pensam, contando com a própria experiência visual de mundo, e ainda, com a conceituação visual da informação, para construir o texto-alvo enquanto inseridos na cultura de chegada" (p. 167). Essa visão é particularmente relevante em estudos com surdocegos, onde a experiência visual é substituída por outras formas de interação sensorial, como o toque. A validação do surdocego e a análise crítica e reflexiva sobre sua prática são essenciais para consolidar dados e avançar teoricamente na área da interpretação intralingual, uma vez que essas práticas permitem que se entenda a relação entre as técnicas utilizadas e os resultados obtidos na interpretação.

Além disso, os procedimentos éticos e metodológicos em pesquisas com surdos e surdocegos devem ser cuidadosamente considerados. A autonomia dos participantes deve ser garantida, e o consentimento informado deve ser adaptado às necessidades dos surdocegos, seja por meio da Língua de Sinais, seja por comunicação tátil, assegurando que eles compreendam plenamente os objetivos e implicações do estudo (ALBRES et al., 2017). A interação direta com os participantes, especialmente em pesquisas que envolvem intérpretes surdos-feed, exige uma abordagem ética que respeite o conhecimento e a experiência dos próprios surdos e surdocegos. Críticas ao trabalho de intérpretes, por exemplo, devem ser feitas de forma respeitosa e cuidadosa, preservando a integridade dos profissionais envolvidos.

Conforme Almeida-Silva e Russo (2016), "somente os dados de contextos reais podem fornecer evidências suficientes para que uma confiabilidade teórica possa ser instaurada" (p. 80). A pesquisa documental e a observação participante são metodologias adequadas para estudos com surdocegos, permitindo uma compreensão profunda das interações sociais e dos desafios comunicacionais enfrentados por essa comunidade. A coleta de dados deve, portanto, ser realizada com sensibilidade cultural e adaptabilidade, respeitando as especificidades linguísticas e sensoriais dos participantes. O uso de intérpretes capacitados em

comunicação tátil e visual é imprescindível para garantir a validade dos dados coletados, bem como a compreensão plena das interações entre os participantes.

Dessa forma, a combinação de uma metodologia ética, adaptada e sensível, com a análise das práticas de surdos e surdocegos, não apenas contribui para a compreensão mais aprofundada da interpretação intralingual, mas também para o avanço dos direitos linguísticos dessa comunidade. O foco na validação das práticas dos próprios participantes e a observação de contextos reais oferecem as evidências necessárias para o desenvolvimento teórico no campo da interpretação e tradução, beneficiando tanto os intérpretes quanto os surdocegos.

### **3. REFERENCIAL TEÓRICO**

A seção de referencial teórico aborda temas essenciais para a compreensão das especificidades da interpretação e tradução de línguas de sinais, com foco nas práticas intralinguais e nas adaptações tecnológicas que têm transformado esse campo em virtude do público surdocego. Inicialmente, discute-se o conceito de interpretação intralingual, destacando o uso de tecnologias no processo de tradução de línguas de sinais, especialmente no contexto da comunicação mediada por plataformas digitais. Em seguida, são explorados os principais desafios e adaptações necessários para a interpretação direcionada a surdocegos, um público que exige ajustes metodológicos e estratégias diferenciadas de interpretação. Por fim, a seção examina a importância da validação do receptor surdocego, enfatizando como os aspectos corporais, como a expressão facial e a prosódia, desempenham um papel crucial na efetividade da comunicação nesse contexto.

#### **3.1. Interpretação intralingual, tecnologias e tradução de línguas de sinais**

A interpretação intralingual em línguas de sinais consiste na adaptação de informações dentro da mesma língua, atendendo a públicos com necessidades comunicacionais específicas, como os surdocegos. Esse tipo de interpretação se distingue da interlingual, que envolve a tradução entre diferentes línguas, seja entre línguas de sinais ou entre uma língua de sinais e uma língua oral. De acordo com Pinheiro (2020), "a tradução e interpretação intramodal envolve sistemas entre línguas da mesma modalidade, seja oral-auditiva ou visuo-gestual" (PINHEIRO, 2020,

p. 23). Essa modalidade é essencial, sobretudo para intérpretes surdos, cujas práticas se diversificaram com o avanço das tecnologias digitais, em especial durante a pandemia.

O uso de tecnologias digitais, como as plataformas de interpretação remota, impulsionou novas práticas de tradução para surdocegos e outros públicos específicos. O modelo relay, amplamente discutido por Pinheiro (2020), permite uma cadeia de comunicação entre vários intérpretes antes de chegar ao receptor final, assegurando uma maior precisão na mensagem (PINHEIRO, 2020, p. 157). Esse formato de interpretação foi especialmente relevante durante a pandemia, quando a necessidade de adaptações tecnológicas para a comunicação à distância se tornou evidente. Segundo Nogueira (2022), a interpretação relay é eficaz para minimizar barreiras linguísticas em conferências internacionais, multilíngues e multimodais (NOGUEIRA, 2022, p. 160).

Campello (2014) também explora o uso de plataformas digitais no contexto educacional, destacando que a interpretação remota possibilitou a ampliação das oportunidades para intérpretes surdos bilíngues. Esses profissionais, que dominam tanto a língua de sinais brasileira quanto outras línguas de sinais, como a ASL, têm visto sua atuação crescer em Ambientes Virtuais de Ensino e Aprendizagem (AVEA), particularmente no ensino a distância (CAMPELLO, 2014, p. 147). A tecnologia, portanto, não apenas facilitou o acesso à interpretação, mas também ampliou as possibilidades de atuação para intérpretes surdos no Brasil.

Entretanto, apesar do crescimento das práticas de interpretação intralingual mediadas por tecnologias, ainda faltam pesquisas sobre o impacto dessas ferramentas no aprimoramento da acessibilidade e na qualidade da interpretação para surdocegos. Como observa Pinheiro (2020), no Brasil são escassas as pesquisas que abordam a atuação de intérpretes surdos, deixando uma lacuna importante no campo da tradução e interpretação (PINHEIRO, 2020, p. 207). Essa carência também é mencionada por Almeida-Silva e Russo (2016), que destacam a relevância da prática da interpretação com feed sinalizado em eventos multilíngues e multilaterais, especialmente em conferências e contextos educacionais (ALMEIDA-SILVA; RUSSO, 2016, p. 79).

Dessa forma, o uso de tecnologias digitais na interpretação intralingual, particularmente para surdocegos, representa um avanço significativo na busca por maior acessibilidade e inclusão de grupos com necessidades comunicacionais específicas. No entanto, embora essas ferramentas tenham se mostrado eficazes em

diversos contextos, especialmente durante a pandemia, há uma lacuna importante a ser preenchida em termos de pesquisas voltadas para a avaliação de sua eficácia e impacto no Brasil. Além da falta de estudos que analisem a qualidade da interpretação e o aprimoramento das práticas profissionais nesse campo, também há desafios relacionados à adaptação de plataformas digitais para atender de maneira mais eficiente as demandas dos surdocegos.

A complexidade desse público, que muitas vezes necessita de adaptações além daquelas oferecidas por tecnologias convencionais de interpretação, evidencia a importância de aprofundar investigações sobre como essas ferramentas podem ser aprimoradas. Esse panorama reforça a necessidade de explorar mais a fundo os desafios enfrentados pelos intérpretes e os processos de adaptação que envolvem a comunicação com surdocegos, como será discutido na próxima seção.

### **3.2. Desafios e adaptações na interpretação para surdocegos**

A comunicação com surdocegos apresenta desafios significativos, exigindo adaptações específicas nas práticas de tradução e interpretação intralingual. Segundo Nogueira (2022), a interpretação para surdocegos demanda o uso de técnicas específicas, como sinais táteis e a modificação dos parâmetros visuais para garantir que a mensagem seja acessível (NOGUEIRA, 2022, p. 162). Esse processo envolve adaptações no ambiente, como o uso de fundos escuros e contrastes visuais apropriados, que auxiliam na visibilidade durante a sinalização (NOGUEIRA, 2022, p. 163). Esses ajustes são fundamentais para proporcionar acessibilidade completa, permitindo que os surdocegos compreendam as mensagens transmitidas.

Outro aspecto essencial na interpretação para surdocegos é a atuação dos profissionais guia-intérpretes, que são responsáveis por interpretar conforme as modalidades específicas de comunicação utilizadas pelos surdocegos, como Língua de Sinais Tátil, Sistema Braille Tátil ou Manual, e Língua de Sinais em Campo Reduzido (FEBRAPILS; FENEIS, 2020, p. 2). A qualificação desses profissionais é crucial, uma vez que a interpretação para surdocegos é uma atividade extremamente complexa do ponto de vista linguístico e cognitivo (FEBRAPILS; FENEIS, 2020, p. 3).

A colaboração entre intérpretes surdos e ouvintes também desempenha um papel central na adaptação e validação das técnicas de interpretação. Pinheiro (2020) destaca que essa parceria é essencial para garantir a precisão na comunicação, especialmente em contextos multilíngues e multiculturais, onde diferentes línguas de

sinais são utilizadas (PINHEIRO, 2020, p. 136). Esse tipo de colaboração facilita a integração de nuances culturais e linguísticas, resultando em uma tradução mais precisa e culturalmente adequada, como observado por Campello (2014), que argumenta que intérpretes surdos podem adaptar os parâmetros visuais e linguísticos de acordo com as necessidades dos surdocegos (CAMPELLO, 2014, p. 147).

Em eventos internacionais, a interpretação relay, também conhecida como interpretação-feed, é frequentemente utilizada, onde intérpretes surdos recebem a mensagem de uma língua de sinais e a adaptam para outra. Almeida-Silva e Russo (2016) apontam que esse processo exige atenção redobrada às diferenças culturais e linguísticas, assegurando que a mensagem seja transmitida de forma eficaz (ALMEIDA-SILVA; RUSSO, 2016, p. 84). A colaboração entre intérpretes surdos e ouvintes é fundamental para o sucesso desse processo, garantindo que a informação seja clara, mesmo quando transmitida de uma língua de sinais para outra (ALMEIDA-SILVA; RUSSO, 2016, p. 86).

Portanto, a comunicação e a interpretação para surdocegos exigem não apenas adaptações nas práticas de interpretação, mas também um ambiente preparado para atender às necessidades específicas desse público. A utilização de tecnologias adequadas e a colaboração entre intérpretes surdos e ouvintes são fatores críticos para o sucesso dessas práticas, especialmente em contextos multilíngues e multimodais.

### **3.3. Validação e aspectos corporais na interpretação para surdocegos**

Na interpretação para surdocegos, a validação do receptor é um elemento crucial, pois permite ajustar as estratégias comunicativas de forma que a sinalização seja precisa e eficaz. Pinheiro (2020) destaca que a empatia e a compreensão das necessidades específicas de cada surdocego são essenciais para adaptar a interpretação e garantir que a mensagem seja transmitida de maneira clara e compreensível (PINHEIRO, 2020, p. 30). O feedback contínuo do receptor, durante o processo de interpretação, é fundamental, pois possibilita que o intérprete ajuste sua abordagem conforme as reações e necessidades do surdocego, garantindo, assim, uma comunicação mais eficiente.

Os aspectos corporais, como expressões faciais e prosódia, desempenham um papel central na interpretação para surdocegos. Embora Campello (2014) trate da comunicação visual-gestual de surdos de forma geral, sua análise sobre o papel do



corpo inteiro na língua de sinais também se aplica ao contexto dos surdocegos. Segundo a autora, as expressões faciais e corporais são essenciais para que a mensagem seja completamente compreendida (CAMPELLO, 2014, p. 148). No caso dos surdocegos, que muitas vezes dependem de sinais táteis ou visuais adaptados, essas expressões corporais se tornam ainda mais importantes, auxiliando na transmissão de nuances e detalhes do conteúdo de forma tátil ou visual adaptada.

A interação entre o intérprete e o receptor surdocego, por meio de ajustes contínuos na sinalização, é outro aspecto chave para a qualidade da interpretação. Embora Segala (2010) discuta a importância da participação ativa do receptor na validação da tradução no contexto de surdos em geral, suas observações são igualmente aplicáveis ao contexto dos surdocegos. O feedback dos surdocegos é essencial para que o intérprete ajuste continuamente suas estratégias de sinalização, seja na modificação da intensidade do toque ou na adaptação de sinais visuais conforme o campo de visão do receptor (SEGALA, 2010, p. 40). Essas adaptações garantem que a comunicação seja fluida e adequada às necessidades do público surdocego.

Em contextos multilíngues e eventos internacionais, a validação do receptor surdocego se torna ainda mais complexa, devido às barreiras linguísticas e culturais adicionais. Campello (2014) argumenta que os intérpretes surdos, ao utilizarem a língua de sinais como língua materna, têm a capacidade de adaptar as expressões culturais e linguísticas de forma mais natural, o que facilita o processo de interpretação em diferentes contextos. Embora a autora não trate especificamente dos surdocegos, sua análise sobre a adaptação cultural também se aplica a esse grupo, uma vez que os surdocegos enfrentam desafios similares relacionados à adaptação de sinais táteis ou visuais em eventos multilíngues (CAMPELLO, 2014, p. 149). Assim, os intérpretes que trabalham com surdocegos devem estar atentos a essas nuances culturais, ajustando continuamente a sinalização de acordo com o feedback do receptor.

Almeida-Silva e Russo (2016) discutem a importância das expressões faciais e do contato visual na interpretação com feed, especialmente em eventos multilíngues. Embora a abordagem dos autores se concentre em contextos de interpretação visual, esses princípios também se aplicam à interpretação para surdocegos, onde o contato visual adaptado ou o toque tátil adequado entre os intérpretes e os surdocegos é essencial para garantir que a mensagem seja transmitida com fluidez e clareza (ALMEIDA-SILVA; RUSSO, 2016, p. 91). No caso dos surdocegos, a ausência de um

contato corporal ou visual apropriado pode comprometer a interpretação, uma vez que eles dependem de interações físicas específicas para captar os detalhes da mensagem.

Desse modo, a validação do receptor surdocego e o uso adequado dos aspectos corporais são fundamentais para garantir a eficácia na interpretação. A clareza e precisão da comunicação dependem tanto da capacidade do intérprete em ajustar suas expressões faciais e corporais conforme as necessidades dos surdocegos, quanto da validação contínua realizada pelos próprios receptores. Assim, como observado por Pinheiro (2020), Campbello (2014) e Segala (2010), essa interação constante é indispensável para que a comunicação com surdocegos seja eficaz, culturalmente sensível e adaptada às suas necessidades específicas.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A interpretação intralingual para surdocegos em ambientes online emergiu como uma prática necessária durante a pandemia, trazendo à tona desafios e adaptações específicas para esse público. Este estudo analisou as técnicas adaptadas para a interpretação remota, os desafios enfrentados com a prosódia e o espaço visual, a introdução de práticas de revezamento entre intérpretes, e o papel colaborativo dos intérpretes-feeders no suporte a intérpretes ouvintes. Cada um desses aspectos é detalhado a seguir.

### **4.1. Técnicas adaptadas**

A interpretação para surdocegos exige uma série de adaptações que garantem a eficácia da comunicação visual em um espaço digital restrito. Uma das principais mudanças adotadas foi o uso de fundo preto e roupas escuras pelos intérpretes, uma medida crucial para melhorar o contraste visual e facilitar a compreensão pelos surdocegos, conforme validado por estudos anteriores (SEGALA, 2010). O contraste visual é particularmente relevante para surdocegos com algum resíduo visual, pois fundos ou roupas inadequadas podem comprometer a visibilidade dos sinais e das expressões faciais gramaticais.

Outro aspecto importante foi a configuração da webcam e da iluminação. A resolução HD ou full HD garantiu maior nitidez na transmissão dos sinais, enquanto a

iluminação fria foi ajustada para se adaptar às diferentes condições do ambiente e às preferências dos surdocegos. Campello (2014) enfatiza que a adequação da iluminação é vital para garantir que o intérprete seja visível de forma clara e eficaz, já que a percepção de luz pelos surdocegos pode variar conforme a hora do dia e as condições do ambiente.

Além disso, o estudo revelou que a sinalização durante a soletração teve que ser feita de forma mais lenta, permitindo que os surdocegos acompanhassem o ritmo das letras. Essas técnicas adaptadas, que foram validadas com base no feedback contínuo dos surdocegos, garantiram que a comunicação fosse eficiente e acessível, mesmo em um ambiente online, onde o espaço e a visibilidade são limitados.

#### **4.2. Desafios na prosódia e no espaço visual**

Um dos principais desafios enfrentados pelos intérpretes intralinguais para surdocegos em ambientes online foi a adaptação da prosódia em um espaço visual reduzido. A prosódia, que inclui ritmo, entonação e expressões faciais gramaticais, é fundamental na comunicação em língua de sinais, especialmente para surdocegos que dependem desses elementos para compreender a mensagem de forma completa.

Em ambientes físicos, os intérpretes podem utilizar todo o corpo para transmitir as nuances prosódicas, mas no ambiente online, essa liberdade espacial é severamente restringida. Conforme validado pelos próprios surdocegos no processo de interpretação remota, foi solicitado que a fidelidade prosódica fosse mantida, mas adaptada ao campo visual da câmera. Isso exigiu dos intérpretes uma maior contenção corporal, sem perder a expressividade necessária para transmitir o conteúdo corretamente. Nogueira (2022) destaca que, em contextos onde o espaço visual é limitado, "a adaptação da prosódia é um desafio que requer ajustes contínuos para garantir a clareza da comunicação" (NOGUEIRA, 2022, p. 166).

Esse desafio foi superado por meio da utilização mais intensa de expressões faciais e de um controle rigoroso dos movimentos corporais, o que permitiu que a comunicação fluísse de forma natural, apesar das limitações impostas pelo espaço visual da tela.

#### **4.3. Revezamento de intérpretes**

A prática de revezamento de intérpretes a cada 10 minutos, implementada neste estudo, foi fundamental para garantir a qualidade da interpretação intralingual para surdocegos. No ambiente online, a fadiga visual e mental é intensificada, tanto para intérpretes quanto para surdocegos. Por isso, o revezamento mais frequente tornou-se uma necessidade para manter o nível de atenção e a clareza da interpretação.

A FEBRAPILS (2022) recomenda revezamento a cada 20 minutos em eventos presenciais, mas, no ambiente virtual, esse tempo foi reduzido pela metade para minimizar o cansaço visual. O uso do sinal “apoio” indicou a transição entre intérpretes, assegurando que o surdocego estivesse ciente da troca e pudesse se ajustar à mudança sem comprometer a continuidade da interpretação. Almeida-Silva e Russo (2016) observam que “o revezamento é especialmente importante em contextos multilíngues ou de alta demanda cognitiva, como é o caso da interpretação para surdocegos” (ALMEIDA-SILVA; RUSSO, 2016, p. 86).

Esse revezamento mais frequente foi bem aceito pelos surdocegos, que relataram uma melhoria na compreensão e uma diminuição na sobrecarga visual. Além disso, a prática garantiu que os intérpretes mantivessem um alto nível de desempenho ao longo de toda a sessão, sem comprometer a qualidade da comunicação.

#### **4.4. Papel do intérprete-feeder**

O papel colaborativo dos intérpretes-feeders surdos foi um dos fatores mais importantes para o sucesso da interpretação intralingual para surdocegos em ambientes online. Ao atuar como uma ponte entre os intérpretes ouvintes e os surdocegos, os feeders garantiram que a mensagem fosse transmitida de forma clara e precisa, validando a sinalização e oferecendo suporte em momentos de dúvida ou dificuldade técnica.

Almeida-Silva e Russo (2016) destacam que “o intérprete-feeder desempenha um papel essencial na adaptação da comunicação em contextos multilíngues e intermodais, assegurando que a mensagem seja compreendida pelo receptor de maneira clara” (ALMEIDA-SILVA; RUSSO, 2016, p. 91). No contexto da interpretação para surdocegos, os feeders assumiram um papel ainda mais central, fornecendo validação imediata em casos de falhas técnicas, como travamentos de vídeo, e atuando como uma fonte de consulta para os intérpretes ouvintes.

O uso de feeders também proporcionou uma maior fluidez na comunicação, permitindo que os intérpretes ouvintes pudessem corrigir erros rapidamente e garantir que a interpretação fosse adequada às necessidades do surdocego. Essa prática colaborativa foi amplamente validada pelos participantes do estudo, que destacaram a importância do trabalho em equipe para o sucesso da interpretação remota.

#### **4.5. Implicações para o futuro da interpretação intralingual para surdocegos**

Os desafios e as soluções identificadas neste estudo apontam para o potencial de desenvolvimento da prática de interpretação intralingual para surdocegos em ambientes online. A introdução de novas técnicas, como o revezamento mais frequente e a colaboração intensa entre intérpretes-feeders surdos e intérpretes ouvintes, mostra-se promissora para o aprimoramento da qualidade da interpretação remota.

No entanto, como Almeida-Silva e Russo (2016) apontam, “é necessário um maior aprofundamento nas pesquisas sobre o uso de tecnologias digitais para interpretação intralingual, especialmente no contexto de públicos específicos como os surdocegos” (ALMEIDA-SILVA; RUSSO, 2016, p. 93). A prática da interpretação remota apresenta desafios únicos, mas também oferece oportunidades para o desenvolvimento de novas metodologias que possam beneficiar o público surdocego de forma mais ampla.

Este estudo sugere que o campo da interpretação intralingual para surdocegos em ambientes online ainda está em fase de desenvolvimento e que futuras pesquisas podem ajudar a consolidar as práticas aqui discutidas, além de propor novas técnicas para tornar a comunicação cada vez mais acessível e eficiente.

### **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados desta pesquisa indicam que as adaptações desenvolvidas para a interpretação intralingual para surdocegos em ambientes online durante a pandemia de COVID-19 tiveram um impacto significativo na inclusão desse público em eventos remotos. A utilização de técnicas como o uso de fundos escuros, a modificação do ritmo da sinalização e a implementação do revezamento de intérpretes a cada 10 minutos foram fundamentais para melhorar a qualidade da comunicação. Além disso,

o papel colaborativo dos intérpretes-feeders surdos provou-se essencial para garantir a precisão da interpretação e apoiar os intérpretes ouvintes em momentos de dúvida ou falha técnica.

A prática da interpretação remota, embora tenha apresentado desafios, também trouxe oportunidades para o desenvolvimento de novas estratégias de inclusão de surdocegos em contextos digitais. A participação ativa dos surdocegos na validação das técnicas utilizadas demonstrou a importância de um processo de adaptação contínuo, no qual o feedback dos próprios receptores é essencial para ajustar as práticas de interpretação às suas necessidades específicas.

Contudo, apesar dos avanços observados, este estudo aponta para a necessidade de pesquisas adicionais. Estudos futuros devem se concentrar em avaliar de forma mais sistemática as técnicas e estratégias utilizadas por intérpretes surdos feeders, especialmente no que diz respeito à sua atuação em ambientes multilíngues e multimodais. Além disso, é crucial investigar como as plataformas digitais podem ser aprimoradas para oferecer uma experiência de interpretação mais fluida e acessível para surdocegos, considerando suas particularidades sensoriais.

Outro ponto que merece destaque é a importância de desenvolver metodologias que levem em conta o impacto cognitivo da interpretação remota, tanto para intérpretes quanto para surdocegos. O revezamento mais frequente, por exemplo, mostrou-se eficaz na redução da fadiga visual e mental, mas ainda são necessárias mais evidências empíricas para consolidar essa prática como uma norma em eventos online. A FEBRAPILS (2022) já apontou a relevância do revezamento em contextos presenciais, e este estudo corrobora essa recomendação no ambiente digital.

Concluimos, deste modo, que as adaptações desenvolvidas durante a pandemia abriram novas perspectivas para a interpretação intralingual em contextos remotos, permitindo uma maior inclusão de surdocegos em eventos online. No entanto, o campo ainda está em fase de consolidação, e mais pesquisas são necessárias para sistematizar as práticas identificadas e propor novas abordagens que garantam uma comunicação cada vez mais acessível e eficiente para esse público. A colaboração entre intérpretes-feeders surdos e ouvintes, juntamente com o feedback contínuo dos surdocegos, será fundamental para o avanço teórico e prático nesse campo emergente.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA-SILVA, Anderson; RUSSO, Ângela. *Diferenças e similitudes entre a 'interpretação indireta' e a 'interpretação indireta sinalizada': uma análise sobre a posição de 'intérprete-feed'*. In: SILVA, Anderson Almeida da; ALBRES, Neiva de Aquino; RUSSO, Ângela (Orgs.). *Diálogos em estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: KBR Editora, 2016. p. 75-106.

CAMPELLO, Ana Regina. *Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução/interpretação cultural e seu desafio*. Cadernos de Tradução, n. 33, Florianópolis, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2014v1n33p143>. Acesso em: 29 set. 2024.

FEBRAPILS; FENEIS. *Nota técnica sobre a atuação do tradutor, intérprete e guia-intérprete de Libras e Língua Portuguesa em materiais audiovisuais televisivos e virtuais*. 2020. 6 p. Disponível em: [www.febrapils.com.br](http://www.febrapils.com.br). Acesso em: 29 set. 2024.

LIMA, Elcivanni Santos. *Discurso e identidade: um olhar crítico sobre a atuação do(a) intérprete de LIBRAS na educação superior*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra. *Interpretação de conferências: um ensaio sobre os cenários atuais e perspectivas futuras*. In: GONTIJO, Túlio Adriano Alves; MARQUES-SANTOS, Lucas Eduardo; BARROS, Solange Maria de (Org.). *Discussões sobre os estudos de tradução e interpretação e a atuação dos TILS no Brasil*. Campinas: Pontes Editores, 2022, p. 155-175.

PERLIN, G. *Identidades Surdas*. In: SKLIAR, Carlos (org.). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

PINHEIRO, Kátia Lucy. *Políticas Linguísticas e suas implementações nas Instituições do Brasil: o tradutor e intérprete surdo intramodal e interlingual de Línguas de Sinais de Conferência*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

SEGALA, Rimar Ramalho. *Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SILVEIRA, Bianca. *Intérprete surdo: conquistando espaço no campo de conferências no Brasil*. In: *Libras e sua tradução em pesquisa: interfaces, reflexões e metodologias*. Florianópolis: Biblioteca Universitária UFSC, 2017. p. 14-37.

ALBRES, Neiva Aquino; DA SILVA, Anderson Almeida; RUSSO, Ângela. *Libras e sua tradução em pesquisa: interfaces, reflexões e metodologias*. Florianópolis: Biblioteca Universitária UFSC, 2017.